



Banco de Dados - 15.jan.88

O garimpo de Serra Pelada marca o início do crescimento dessa atividade na década de 80

Amazônia tem mais de 200 mil garimpeiros

Rendimento médio é de 4,8 salários mínimos

ABNOR GONDIM
Correspondente em Belém

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) deverá divulgar na próxima semana o relatório final do Levantamento Nacional de Garimpeiros. Realizado em outubro e novembro de 90 e em janeiro deste ano, o levantamento é um trabalho inédito sobre a garimpagem no Brasil. Dá um perfil sócio-econômico e sanitário dos trabalhadores envolvidos em garimpos de diversos minérios, como ouro, diamante e pedras preciosas.

Segundo o levantamento, foram cadastrados 83.860 garimpeiros em todo país, com entrevistas diretas realizadas por cerca de cem técnicos do DNPM e da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais. Com base em informações dos próprios garimpeiros e das associações da categoria,

estimou-se em 292 mil o total de garimpeiros. Desses, 74,48% estão na Amazônia (cerca de 219 mil).

Mas o próprio coordenador do levantamento, Paulo Brandão Juhasz, admite que a estimativa está longe da realidade: "Hoje, no Brasil, devem existir de 400 mil a 450 mil garimpeiros, devendo subir para 1 milhão o total de pessoas envolvidas na garimpagem". Ele disse que a pesquisa foi centrada nos trabalhadores envolvidos na produção de ouro, "incluindo gerente e dono".

A maior surpresa da pesquisa, segundo ele, foi a constatação de cerca de 12 mil garimpeiros no Rio Grande do Sul, em garimpos de ametista, com um sistema organizado de produção por meio de cooperativa. A atividade também cresce no Paraná, onde ele crê que existam cerca de 400 garimpei-

ros. A garimpagem existe até em São Paulo e no Rio.

Na Amazônia, o nível médio de renda dos garimpeiros é de 4,8 salários mínimos. "É pouco porque os preços nos garimpos são exorbitantes", disse Juhasz. Nos garimpos da região, apenas 7,14% são assalariados, 78,78% já tiveram malária, somente 3,85% eram garimpeiros de tradição; a grande maioria vem da agricultura e da construção civil.

No país, 26,2% dos garimpeiros são analfabetos, 68,4% dizem ter o primeiro grau, 3,9% dizem ter o segundo grau e 1,38% tem curso superior.

Segundo Juhasz, o "boom" da garimpagem na Amazônia começou em 80, com a abertura do garimpo de Serra Pelada e o apoio que os governos da época deram à atividade. A partir de 89 ela declinou um pouco: "Hoje a atividade está novamente em ascensão".